

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

REGINA GONÇALVES SOARES



Música e Educação Infantil: A Atuação do Pedagogo.

Rio de Janeiro

2017

REGINA GONÇALVES SOARES

Música e Educação Infantil: A Atuação do Pedagogo.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Monique Andries Nogueira.

Rio de janeiro

2017

REGINA GONÇALVES SOARES

Música e Educação Infantil: A Atuação do Pedagogo.

Monografia defendida no Curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, para a obtenção do grau de Graduada, aprovada em _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Monique Andries Nogueira – Orientadora

Prof. Dr. Alexandre Palma da Silva

Profa. Dra. Sílvia Soter

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família: minha mãe, meu pai em memória, pois, sei que se estivesse aqui estaria torcendo por essa conquista, meus irmãos e irmãs, meu filho e minha neta, pois, eles são minha base, mesmo com toda humildade sempre torceram por mim. E à minha orientadora Monique Andries pelo tempo e paciência a mim dispensado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por permitir que eu acorde todas as manhãs pra correr atrás dos meus objetivos e dos meus sonhos.

Agradeço à minha mãe que mesmo longe morando em Minas Gerais sempre torceu pela minha formação, e meu pai em memória, pois, sei que torce por mim onde quer que esteja.

Agradeço ao meu filho pelo incentivo pra eu continuar quando pensava em desistir, quando sentia que estava muito difícil pra mim, e minha neta que na sua inocência de criança sempre tem uma palavra carinhosa pra dizer mesmo não entendendo muito os contextos das situações relacionadas às minhas angústias.

Agradeço também as minhas irmãs por torcerem pelas minhas conquistas e entenderem minhas ausências muitas vezes em ocasiões festivas na família, entendendo que eu precisaria está ausente para estudar, meus irmãos por sempre ter uma palavra de incentivo pra estimular meu sonho de me tornar pedagoga.

Agradeço muito minha prima Selma por sua amizade, pela sua preocupação comigo, pela ajuda na digitação e impressão de trabalhos, por me ouvir nos meus desabafos quando me sentia sobrecarrega de relatórios solicitados por professores.

Agradeço em especial a algumas amigas que fiz ao longo do curso, Carla Beatriz, Ingrid Helena, Monica Sandes, por terem me ajudado sempre quando tinha dificuldades de entender alguns textos e por fazer parte dessa trajetória que em muitos momentos se fazia difícil e cansativa. Pela parceria nas apresentações de trabalhos compartilhando as aprendizagens.

Agradeço todos os professores que tive a oportunidade de conhecer nesse curso e que colaboraram para minha formação. Em especial à professora Monique Andries que me orientou nesse trabalho.

RESUMO

A presente monografia foi estruturada trazendo reflexões com base nos estudos de alguns autores partidários da ideia da importância da linguagem musical no contexto da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Os autores partidários dessa ideia que tratam da temática da educação musical na escola básica com os quais busquei dialogar foram: Bellochio, Weber e Souza, (2017), Fonterrada,(2008) Nogueira,(2004,2010,2012,2016) Figueiredo,(2005) entre outros. O objetivo deste trabalho foi compreender o motivo pelo qual as professoras de educação infantil, que tive a oportunidade de conhecer em meus estágios, faziam pouco uso da linguagem musical em suas práticas cotidianas, e quando o fazia eram pra marcar rotina ou como instrumento de manutenção da disciplina. As questões que busquei responder foram: por que será que as professoras não exploravam mais esse recurso com as crianças? Por que não ampliar seu repertório, trazendo outras músicas, para que eles pudessem apreciar, contribuindo assim para uma formação mais significativa? Ao mesmo tempo, me perguntava: como terá sido a formação dessas professoras no tocante à linguagem musical? Teria sido suficiente para que pudessem entender a importância da utilização da música e a boa escolha de repertório musical para compor as aulas? E que orientasse uma proposta mais significativa de vivência e experiência dessa linguagem com os alunos? O referido estudo se estruturou em um levantamento/revisão bibliográfica que assim se estrutura: no primeiro capítulo, trago uma reflexão sobre a presença da música na vida humana e mais especificamente na escola, em seguida faço uma reflexão sobre as experiências com a linguagem musical na educação infantil, no terceiro capítulo a reflexão é sobre a formação musical do pedagogo, trazendo os dados das pesquisas de Nogueira (2012), Bellochio, Weber e Souza (2017), no tocante à formação inicial de professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, problematizando essa formação em algumas universidades brasileiras.

Palavras-Chave: Linguagem musical; Educação Infantil; Pedagogia.

Sumário

Dedicatória	04
Agradecimentos	05
Resumo	06
Introdução	08
Capítulo 1. Música na vida humana e na educação	11
1.1 A Música na vida.....	11
1.2.A música nos processos educativos.....	12
Capítulo 2. Linguagem musical na educação infantil	17
Capítulo 3. A formação musical do pedagogo	22
3.1 O que dizem as pesquisas?.....	22
3.2 Minha trajetória enquanto estudante de pedagogia.....	26
Considerações finais	29
Referências	30

Introdução

Dentre as muitas possibilidades que se abrem quando se vai escrever uma monografia de final de curso, optei pelo tema da música na educação infantil. Meu interesse por esse tema surgiu a partir das experiências nos estágios obrigatórios em escolas públicas municipais.

Nessas escolas, pude observar o grande interesse das crianças pelas músicas que eram cantadas na hora do lanche, na ida pra sala, na hora de lavar as mãos, na hora da contação de histórias. Mesmo tendo o objetivo imediato de marcar a rotina e de ser instrumento de manutenção da disciplina, as crianças gostam muito da música. Por isso comecei a questionar: por que será que as professoras não exploravam mais esse recurso com as crianças? Por que não ampliar seu repertório, trazendo outras músicas, para que eles pudessem apreciar, contribuindo assim para uma formação mais significativa?

Pude perceber que o repertório dessas professoras é que estava precisando ser ampliado, pois as músicas que eram cantadas, ou que as crianças tinham acesso para ouvir eram bem reduzidas. Ao mesmo tempo, me perguntava: como terá sido a formação dessas professoras no tocante à linguagem musical?

Percebendo essa falta de um repertório mais amplo, cheguei a conclusão que também estou nesse barco, que preciso buscar, após o final desse curso, uma formação continuada, tendo em vista que eu também preciso ampliar meu repertório, pois não me sinto preparada para propor situações com a música para as crianças.

Entendo que atuando no campo da educação infantil, que será a minha área de interesse, isso seja fundamental para que seja possível uma experiência que estimule e potencialize o contato das crianças com essa linguagem.

Numa pesquisa realizada anteriormente (GOLTARA, 2012), tendo como atores os alunos no final dos cursos de Pedagogia da UERJ e da UFRJ, apresentaram-se questionamentos exatamente como esse. Sentiam-se os alunos preparados para atuar com a linguagem musical após a conclusão do curso? Mesmo sabendo que seriam eles responsáveis pela ampliação dos conhecimentos dos alunos nas diferentes áreas do conhecimento, dentre esses a linguagem musical, a grande maioria respondeu que não se sentia preparados para essa função.

Ainda nessa pesquisa, os alunos deveriam responder como eles avaliavam a experiência realizada com o ensino da música em seu curso. A pesquisa revelou que 60% dos alunos de pedagogia da UERJ consideraram inexistente a abordagem da música na sua formação inicial. Já na UFRJ, nenhum aluno considerou essa experiência como inexistente e 38% dos alunos consideraram a experiência musical em seu curso como muito produtiva. Na Uerj, nenhum aluno considerou essa experiência como muito produtiva.

Segundo Goltara (2012), o montante de 38% de alunos que consideraram sua experiência musical vivenciada no curso como muito produtiva seria justificado pelo fato de terem podido cursar a disciplina optativa Linguagem Musical na Educação Básica, pois, na UFRJ, além da disciplina obrigatória Arte-Educação que também lida com conteúdos dessa linguagem. Sua pesquisa comprovou que essa iniciativa tem sido importante na formação musical deles.

Mas apesar dessa experiência positiva com a linguagem musical dos alunos da UFRJ, fica evidente na pesquisa que é necessário mais investimento na formação musical desses alunos de Pedagogia se quisermos realmente proporcionar uma educação musical com o mínimo de qualidade na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Por outro lado, é fundamental que o professor esteja sempre buscando uma formação continuada, pois a formação inicial jamais conseguirá contemplar de forma ampla todo conhecimento necessário. Segundo Spanavello e Bellochio (2005):

A formação inicial constitui-se em elemento importante para o desenvolvimento de um trabalho musical significativo em termos de construção do conhecimento em música. Entretanto, não é a única e nem determinante por si só. O educador pode (e deve) buscar novas alternativas de trabalho que ultrapassem essa sua formação, de modo que seja capaz de construir novos conhecimentos a partir do seu próprio trabalho e das reflexões que giram em torno deste. Isso exige não só um fazer por fazer, mas, sobretudo, “saber fazer” e “pensar sobre o fazer” (2005, p. 93).

Nas pesquisas de Nogueira (2012), Goltara (2012), Bellochio e Spanavello (2005), Bellochio, Weber e Souza (2017), percebe-se que a grande maioria dos formandos em Pedagogia que querem trabalhar de forma significativa com a linguagem musical, precisam investir numa formação continuada, pois, nessa formação inicial não terão subsídios suficientes para atuarem na prática docente de forma mais significativa com as crianças. Para o professor oportunizar um repertório cultural mais amplo e diversificado para as crianças ele precisa primeiramente ampliar sua formação.

De acordo com Nogueira (2010a):

Como formador de futuros cidadãos, o professor, antes de tudo, precisa estar conectado com o mundo da cultura, cultura essa entendida como patrimônio de todos. É inerente ao seu ofício fazer as mediações necessárias para que esse aluno possa tomar posse de todo esse patrimônio. Contudo, se ele mesmo não possui os instrumentos de análise necessários para esse fruir mais

aprofundado, como estimular esse processo em seus alunos? Daí a necessidade de investimentos vigorosos nessa direção (2010a,p.11)

Mesmo com a lei 11.769\08¹ que tornava obrigatório o ensino dos conteúdos de música no componente curricular Arte, sabemos que isso não acontece em todas as escolas, por isso a necessidade de uma formação inicial mais completa do pedagogo.

De acordo com Figueiredo (2005):

Fazendo um paralelo com outras áreas do conhecimento, verifica-se que o professor generalista não é matemático, mas ensina matemática, não é historiador, mas ensina história, e assim por diante. Da mesma forma, acredita-se que, para iniciar o ensino de música, o professor não precisa ser necessariamente um músico. Basta que possua vivência com os aspectos musicais e um conhecimento básico dos conteúdos a introduzir em suas aulas. Autores concordam que os professores generalistas podem contribuir para o desenvolvimento musical das crianças se receberem formação adequada [...]. (2005, p. 2).

Pesquisas como as de Nogueira (2012), Bellochio, Weber e Souza (2017), e Figueiredo (2005) revelam que é essa formação adequada que a maioria dos cursos de Pedagogia não estão conseguindo oferecer para os formandos. E é sobre isso que, ao produzir essa monografia, tentei refletir.

Para tanto, o presente trabalho está assim apresentado: no 1º. Capítulo, trago uma reflexão sobre a presença da música na vida humana e mais especificamente na escola. Em seguida, no 2º capítulo a reflexão é sobre as possibilidades de experiências com a linguagem musical na educação infantil, e no 3º capítulo trago a reflexão sobre a formação musical do pedagogo, trazendo dados das pesquisas de Nogueira (2012), Bellochio, Weber, e Souza (2017), no que tange à formação inicial de professores de educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, problematizando essa formação em algumas universidades brasileiras. E por fim faço um panorama da minha trajetória como estudante de Pedagogia.

¹ Essa lei foi substituída pela Lei 13278, promulgada em maio de 2016, que ampliou essa obrigatoriedade para as demais linguagens artísticas (Artes Visuais, Teatro e Dança)

Capítulo 1: Música na vida humana e na educação

A Música é uma linguagem artística que acompanha a humanidade, desde seus primórdios. Nenhum grupo social conhecido, em nenhuma época, deixou de ter a música em suas produções culturais.

1.1 Música na vida

Ainda na vida uterina, a criança já percebe os primeiros sons de sua existência, originários dos órgãos de sua progenitora, tais como, pulsar do coração, veias e até mesmo da sua voz.

A música estaria presente até mesmo antes da formação do homem, pois, nos relatos bíblicos encontramos a presença dela sendo realizada por anjos que, segundo livro Apocalipse, fazem isto incessantemente diante de um trono onde está assentado o Deus Todo Poderoso (COOGAN, 2011).

Segundo Nogueira (2004, p. 1),

A presença da música na vida dos seres humanos é incontestável. Ela tem acompanhado a história da humanidade, ao longo dos tempos, exercendo as mais diferentes funções. Está presente em todas as regiões do globo, em todas as culturas, em todas as épocas: ou seja, a música é uma linguagem universal, que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço.

Mas, ao mesmo tempo, lembra a mesma autora (idem), se sua presença é universal, sua fruição e produção não o é. A música exerce funções diferentes dentro dos diferentes grupos sociais e ainda segundo a pesquisadora, particularmente nos tempos atuais, deve ser vista como uma das mais importantes formas de comunicação. Como afirma Snyders (1992), nunca uma geração viveu tão intensamente a música como a atual.

Ainda nesse mesmo artigo (NOGUEIRA, 2004), a autora afirma que a criança está imersa em um caldo cultural formado pela família como por todo grupo social no qual ela cresce. Nesse sentido, a forma como a música influencia o desenvolvimento de uma criança carajá, por exemplo, é muito diferente da forma como isso se dá com uma criança branca; da mesma forma, uma criança de classe média alta, que frequenta ambientes nos quais a música é praticada de forma intensa, apresenta características bem diversas de uma criança que se vê vítima da exploração do trabalho infantil.

De acordo com a autora, inúmeras pesquisas, desenvolvidas em diferentes países e em diferentes épocas, particularmente nas décadas finais do século XX, confirmam que a influência da música no desenvolvimento da criança é

incontestável. Algumas delas demonstraram que o bebê, ainda no útero materno, desenvolve reações a estímulos sonoros.

Ainda segundo Nogueira (2004), os efeitos dos sons podem ser percebidos na criança até por pessoas comuns, e não só por pesquisadores, como é o caso das nossas avós que perceberam que para acalmar um bebê era só colocá-lo do lado esquerdo do peito. E a explicação científica é que nessa posição ele sente as batidas do coração de quem o está segurando, o que remete ao que ele ouvia ainda no útero, isto é, o coração da mãe. Além disso, a eficácia das canções de ninar é prova de que a “música e afeto se unem em uma mágica alquimia para a criança. Muitas vezes, mesmo já adultos, nossas melhores lembranças de situação de acolhimento e carinho dizem respeito às nossas memórias musicais” (2004, p.04).

Ainda abordando os efeitos da música no campo afetivo, estudos recentes ampliam ainda mais nosso conhecimento a respeito. Zatorre, da universidade de McGill (Canadá) e Blood, do Massachusetts General Hospital (EUA), desenvolveram uma pesquisa que buscou analisar os efeitos no cérebro de pessoas que ouviam músicas, as quais segundo as mesmas causavam profundas emoções. Verificou-se que ao ouvir estas músicas, as pessoas acionaram exatamente as mesmas partes do cérebro que têm relação com estados de euforia. Segundo esses autores, isso confere à música uma grande relevância biológica, relacionando-a aos circuitos cerebrais ligados ao prazer (apud NOGUEIRA, 2004).

Ilari (2003) traz destaque ao fato da profunda influência que a música atinge no cérebro e, assim, ela é fundamental para a vida de qualquer ser humano, ao passo em que o cérebro transmite as comandas necessárias e certas para que o corpo funcione adequadamente, os estudos sobre o desenvolver deste órgão em crianças começaram a ocorrer apenas no século XIX, porém, as produções não mais pararam após este período, de forma que os estudiosos foram se aperfeiçoando e entendendo cada vez mais este instrumento tão vital e importante para a vida do ser humano como um todo.

1.2 A Música nos processos educativos

A música no ambiente escolar pode ser ministrada em duas dimensões: primeiramente como área de conhecimento, a partir de seus conteúdos específicos; além disso, ela também se oferece como recurso metodológico para outras disciplinas. Nesse sentido, ela se abre para participar da educação escolar tanto como parte integrante do currículo - a partir de seus próprios conteúdos-, quanto como parte integradora - quando é utilizada no ensino aprendizagem de outras áreas (NOGUEIRA, 2016).

Segundo os direcionamentos colocados nos estudos de Moreira et al (2014), a música em meio à educação assume suas abordagens principais, a de formação

musical que possibilita e oferece auxílio para o desenvolvimento psíquico e emocional de crianças e jovens (educação para a música) e o uso desta em sala de aula como forma de proporcionar um melhor aproveitamento geral dos conteúdos programáticos (música enquanto recurso didático-metodológico). Nesse sentido,

A música vem acompanhada a história da humanidade e se fazendo presente em diferentes estágios de desenvolvimento, ela é uma forma de expressão artística tanto no campo popular como no erudito e se faz presente em diversas classes sociais e religiosas, tendo influencia na expressão cultural, linguagem oral e corporal, relação pessoal e interpessoal contribuindo no desenvolvimento da criança e fazendo se presente durante toda sua trajetória na alfabetização (KLEM, 2015, p. 10).

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), também traz a importância da música para o desenvolvimento integral das crianças destacando que:

A música é fundamental para o desenvolvimento de uma identidade, pois auxilia na autonomia do indivíduo, trabalha imaginação, criatividade, capacidade de concentração, fixação de dados, experimentação de regras e papéis sociais, desenvolvem a expressão, o equilíbrio, a autoestima, autoconhecimento e integração social (Brasil, 1998, p.49)

Todos esses benefícios que o trabalho com a linguagem musical é capaz de proporcionar na aprendizagem das crianças na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental são apontados por Gainza (2008) e Fonterrada (2008), além de estarem presentes em documentos oficiais como o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998). A possibilidade de ampliação de experiências nessa linguagem favorece um desenvolvimento mais integral para a criança; contudo, como já afirmamos anteriormente, nem sempre o professor generalista se sente seguro para fazer uso desse recurso nas suas práticas cotidianas.

Carvalho et al. (2014) ressalta que a música está profundamente inserida no cotidiano diário de todos, e na escola a música transforma o ambiente, cabendo ao professor fazer uso dela das melhores e mais proveitosas maneiras possíveis:

E assim, por ser uma ferramenta extremamente importante de comunicação, a música quando utilizada em âmbito escolar, mais precisamente quando utilizada na educação infantil, pode contribuir diretamente no desenvolver e melhora da oralidade das crianças, atingindo vários dos objetivos que devem ser propostos pelo professor desde a etapa essencial de planejamento do curso e de suas aulas (CARVALHO et al., 2014, p. 10).

De acordo com os esclarecimentos apresentados por Gainza (2008), destaca-se que a música deve ser compreendida enquanto uma experiência que abrange uma grande diversidade de dimensões que vão muito além da beleza de uma melodia ou letra, e ainda cabe estabelecer que:

[...] a música, como costumamos repetir, não pode continuar sendo considerada como uma atividade de caráter meramente estético, pois trata-se de uma experiência multidimensional, um direito humano, que deveria estar ao alcance de todas as pessoas, a partir de seu nascimento, e por toda a vida (GAINZA, 2008, p. 23).

Compreendendo que a música acompanha o ser humano em todas as fases de sua vida e tomando como hipótese comprovadamente verdadeira o fato de que ao longo da vida de um indivíduo o mesmo está em constante período de desenvolvimento, logo, a música está diretamente correlacionada com o desenvolvimento humano e assim, deve ser utilizada em sala de aula para a promoção de aprendizagem sem apresentar grandes ressalvas.

Ademais, em meio ao entendimento de Fonterrada (2008), cabe evidenciar que:

Atualmente, em face das profundas e rápidas mudanças que ocorrem em todas as áreas, a educação musical pede uma reformulação que possa servir de guia aos profissionais e membros da comunidade. Hoje, há uma enorme necessidade de compreensão da música e dos processos de ensaio e aprendizagem dessa arte. Até que se descubra seu real papel, até que cada indivíduo em particular, e a sociedade como um todo, se convençam de que ela é uma parte necessária, e não periférica, da cultura humana, até que se compreenda que seu valor é fundamental, ela terá dificuldades para ocupar um lugar proeminente no sistema educacional (FONTERRADA, 2008, p. 11-12).

Ou seja, mesmo salientando todas as possibilidades e direcionamentos positivos que são efetivados pela utilização da música e de seus principais pressupostos de aplicabilidade, a musicalidade em meio ao processo de ensino-aprendizagem é ainda pouco estimulada e, assim, é necessário que cada vez mais sejam desenvolvidos entendimentos e compreensões acerca do uso dessa linguagem musical.

A música é uma linguagem muito expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir. Para Gainza (1998,), a música é um importante elemento, pois mobiliza e contribui para a transformação e o movimento.

Ainda sobre os estudos de Gainza (2008), considerando as possibilidades existentes pela utilização da música e de seus benefícios em meio à sala de aula, cabe enfatizar, “o sentido de que em meio à atualidade não existem métodos únicos e demarcados para educar, nenhuma área do conhecimento dispõem sobre isto e as possibilidades são inúmeras, sobretudo, no que diz respeito ao ensino pela arte” Gainza (2008,p.23).

Considerando a música como método para ensinar outros conteúdos de outras disciplinas e não somente conteúdos da música, a autora acima citada ainda sugere que:

A música deve ser ensinada e utilizada para proporcionar a aprendizagem dessas outras disciplinas por intermédio de uma grande diversidade de maneiras diretas, abertas, transversais e interdisciplinares de ensino, que possibilitem de forma direta a integração entre os diferentes aspectos do indivíduo em desenvolvimento, do mundo e do conhecimento (2008, p.23).

Porém, tal como estuda e elucida Tanaka (2012), em determinadas escolas/classes/séries, as músicas são apresentadas para as crianças apenas para que as mesmas cantem e dançam em eventos e/ou em datas comemorativas, como é o caso das festas juninas e apresentações no dia das mães, de forma que a perspectiva de que a música é essencial e categórico auxiliar na alfabetização e na memorização de conceitos matemáticos acaba sendo deixado de lado, o que leva a suposição de que a música, em determinados espaços escolares e, também em lugares de formação de professores, não é tomada como algo tão relevante na formação do indivíduo, sendo utilizada geralmente como elemento pertencente ao calendário cívico educacional.

Nos estudos de Ferreira (2010), percebe-se que a prática de estabelecer a associação de qualquer disciplina à música deve ser mais utilizada, evidenciando assim potencialidades como auxiliar no aprendizado. Mas, na verdade, grande parte dos sistemas educacionais da sociedade contemporânea, em especial o que se encontra vigente no Brasil, vem deixando de lado a utilização e a aplicação da música enquanto metodologia de ensino que possa efetivar uma aprendizagem mais completa e diferenciada.

Seguindo os direcionamentos de Jordão et al. (2012), a efetivação do uso da música em meio à prática educacional permite a realização de necessidades atuais que são imprescindíveis e estão em constante atenção a saber: a consolidação de um desenvolvimento sustentável e de um comprometimento solidário nas relações, transformação do cenário global pelo fortalecimento da formação de cada indivíduo e, conseqüentemente, pelo fortalecimento da educação como um todo.

A música é excelente ferramenta de trabalho para o ensino prático e muito eficaz, agindo com grande persuasão ludicamente no viver da criança.

Naturalmente, pelas diversas formas e maneiras que música permite ser trabalhada nas várias modalidades do ensino das diferentes matérias, a mesma atende a todas áreas sem a menor dificuldade, graças a sua versatilidade e facilidade de captação auditiva, não apresentando muita dificuldade à quase todas as formas de deficiência humana. A guisa de informação, esclareço que, a utilização da temática musical no ensino prático, não tem a pretensão de formar o aluno em músico, e sim no aprender de diversos conteúdos.

Paulo Freire (1996, p. 26) faz uma reflexão sobre os métodos, caminhos e maneiras de ensinar:

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos homens e mulheres perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneira, caminhos, métodos de ensinar.

Numa abordagem mais generalizada, Brécia (2003) dispõe que o estabelecimento de uma educação musical, arte musical no ensino e ensino de arte musical, que tome como embasamento essencial o conhecimento e as experiências que a pessoa ao aprender já traz de seu cotidiano e de seu meio sociocultural, irá ser um contributo especial à humanização dos alunos por meio da musicalidade.

Ademais, cabe evidenciar, tal como aponta Fernandes (2010), que o uso da música em meio às abordagens educacionais dá certo, pelo fato de que mesmo o aluno não possuindo conhecimentos específicos sobre musicalidade, seu desenvolvimento e desdobramentos, os mesmos possuem um “sistema automático de recepção musical” (FERNANDES, 2010, p. 34), e assim, a sua aprendizagem e “captação” de informações dos mais diversos tipos e das mais variadas disciplinas mais rápido e efetivo, essencialmente, pelo fato de que a música foi aplicada para a explanação de conceitos, por exemplo.

Segundo Chiarelli e Barreto (2005), saber aliar a prática educativa à música é fazer da escola um lugar alegre e receptivo. A música na educação infantil além de ser facilitadora do processo ensino-aprendizagem, pode também ampliar o conhecimento musical do aluno, afinal a música é um bem cultural e seu conhecimento e uso não deve ser privilégio de poucos. Chiarelli e Barreto (2005,p.1).

E é esse bem cultural que estamos limitando as crianças de experimentar, com nossa formação também limitada.

Capítulo 2: Linguagem Musical na Educação Infantil

Entende-se que a Educação Infantil deva proporcionar à criança sua inclusão na esfera educacional, estabelecendo-se enquanto um ser ativo que pode se tornar cada vez mais competente, de forma que possa melhor lidar com as coisas que irá enfrentar durante sua vida. Esta essencial capacidade de lidar com as novas experiências pode ser classificada como um ponto fundamental no desenvolvimento da criança durante toda a sua trajetória (VYGOTSKY, 1991). Ainda sob esta perspectiva,

Ao se mencionar desenvolvimento integral da criança estamos pretendendo que seja capaz de crescer como cidadã cujos direitos da infância são reconhecidos. Dentro do processo da educação infantil muitas teorias surgem quanto ao trabalho a ser desenvolvidos com as crianças. Sabemos que as crianças desta faixa etária têm necessidade de atenção especial para que possam se desenvolver. Toda essa inserção da criança no mundo não seria possível se na educação infantil não tivessem atividades voltadas para o cuidar e educar (CARVALHO et al., 2014, p. 5).

Nesse sentido, a música é importante quando é explorada de forma mais significativa pelas crianças, porque através dela a criança desenvolve um repertório muito rico de imaginação e amplia seu vocabulário, possibilitando uma interação ímpar na vida das crianças. A socialização com outras crianças através da música é muito importante nessa fase do desenvolvimento, pois, a criança se comunica de forma mais segura no seu meio social. A criança percebe a música de uma forma muito particular e sensível, ela ouve a música e instantes depois já está repetindo a letra da música cantando e dançando. De acordo com Brito (2003):

Trazer a música para o nosso ambiente de trabalho exige, prioritariamente uma formação musical pessoal e também atenção e disposição para ouvir e observar o modo como bebês e crianças percebem e se expressam em cada fase de seu desenvolvimento (BRITO, 2003, p. 35).

A música tem o poder de fazer com que as crianças ou qualquer outra pessoa ao ouvirem sua melodia comecem a movimentar o corpo de modo quase que imediato.

Para Gainza (1988, p.22) ressalta que: “A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no a ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau”.

Ainda é relevante destacar que:

A criança não é um ser estático, ela interage o tempo todo com o meio e a música, tem esse caráter de provocar interações, pois, ela traz em si. Ideologias, emoções, histórias, que muitas vezes se identificam com as de quem ouvem (GONÇALVES et al., 2009, p. 02).

Importante depreender que quando da proposição de uma discussão a respeito da parceria que deve se desenvolver entre música e educação infantil, destaca-se que este relacionamento específico deve ser trabalhado de maneira que as crianças possam conseguir a expansão efetiva de sua criatividade, a imaginação, explorando sons, facilitando o desenvolvimento, tal como demonstra e esclarece Chiarelli: “a música é importante para o desenvolvimento da criança, proporcionando o alcance da integração social conjunto com a harmonia pessoal, facilitando todos os processos de socialização e inclusão, por exemplo” (2005,p.01).

E assim, Chaves et al. (2011) afirmam que é fundamental a vivência musical no âmbito da educação infantil, pela possibilidade ampla do desenvolvimento cultural das crianças em etapas iniciais de desenvolvimento pessoal e social, ocasionando inúmeros tipos de aprendizagens, com inclusão do desenvolver de gosto pela música e a oportunidade de conhecer e reconhecer melodias e instrumentos musicais de diversos locais e países, culminando, portanto, no aprendizado de uma vasta diversidade de palavras e vocabulários apropriados ao uso da música como instrumento educacional. Importa retomar e esclarecer a percepção de que:

O hábito de cantar e dançar com bebês e crianças, presente em praticamente todas as culturas do mundo, auxilia no aprendizado musical, no desenvolvimento da afetividade e socialização, e também no processo da aquisição da linguagem. Quando a criança está em idade escolar, o aprendizado musical, além de ter valor em si mesmo, também exerce uma segunda função, que é o ensino e o aprendizado de conceitos, ideias, formas de socialização e cultura, sempre através das atividades musicais (ILARI, 2003, p. 14).

Esse momento de prazer que a música proporciona para as crianças que podemos usar a nosso favor para estimular no desenvolvimento delas. No desenvolvimento psicomotor, cognitivo, social, afetivo dentre outros. É muito importante o professor trazer um repertório musical amplo e diversificado para oferecer a seus alunos. Pois assim podem ampliar o conhecimento musical deles. E não ficar apenas reproduzindo músicas da mídia, onde as crianças cantam as letras das músicas sem mesmo saber seu significado.

As músicas que as crianças normalmente reproduzem são as que costumam ouvir em casa ou nos arredores da vizinhança. Muitas vezes, são músicas de conteúdos pobres e de baixa qualidade estética, isto é, produtos massificados que não são capazes de acrescentar nenhum valor para sua formação cultural. Por isso, a importância de oferecer na escola um repertório com mais qualidade. O professor que tem a noção da importância da música para a formação cognitiva e emocional da criança deve oferecer músicas com mais qualidade estética e formativa do que aquelas que a indústria cultural divulga.

Para Delalande, o melhor caminho é observar e respeitar o modo como bebês e crianças exploram o universo sonoro e musical. De acordo com esse autor, “essa deve ser a postura de educadores (leigos ou especialistas) diante do desafio de proporcionar às crianças o acesso à experiência musical” (DELALANDE apud BRITO, 2003, p. 36). Nesse sentido, “aproximando-se da etapa do jogo com regras, a música passa a ser também um vasto domínio para a sistematização e a organização do conhecimento (BRITO, 2003, p. 42). E acrescenta:

Obviamente, respeitar o processo de desenvolvimento da expressão musical infantil, não deve se confundir com a ausência de intervenções educativas. Nesse sentido, o professor deve atuar – sempre- como animador, estimulador, provedor de informações e vivências que irão enriquecer e ampliar a experiência e o conhecimento das crianças, não apenas do ponto de vista musical, mas integralmente, o que deve ser o objetivo prioritário de toda proposta pedagógica, especialmente na etapa de educação infantil (BRITO, 2003, p. 45).

No “Documento de Música” do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) fica clara a valorização da presença dos brinquedos musicais no cotidiano da educação infantil:

Em todas as culturas as crianças brincam com a música. Jogos e brinquedos musicais são transmitidos por tradição oral, persistindo nas sociedades urbanas, nas quais a força da cultura de massas é muito intensa, pois são fonte de vivências e desenvolvimento expressivo e musical. Envolvendo o gesto, o movimento, o canto, a dança e o faz –de- conta, esses jogos e brincadeiras são legítimos expressões da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc.

São maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de

trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo.

Os jogos e brinquedos musicais da cultura infantil incluem os acalantos (cantigas de ninar); as parlendas (os brincos, as mnemônicas e as parlendas propriamente ditas); as rondas (canções de roda); as adivinhas; os contos; os romances etc (BRASIL, 1998, p. 71).

Esse documento mostra como é importante essa experiência que a linguagem musical traz para a formação cultural da criança. De acordo com Brito:

É aconselhável aproveitar as contribuições que as próprias crianças trazem, o que não significa trabalhar apenas com as músicas veiculadas pela mídia, que costumam ser, infelizmente, as menos indicadas para a realização do trabalho. A cultura popular e, especialmente, a música da cultura infantil são ricas em produtos musicais que podemos e devemos trazer para o ambiente de trabalho das creches e pré-escolas (BRITO, 2003, p. 84).

Apresentar a importância da música para o desenvolvimento da sabedoria e do convívio social dos alunos de educação infantil e o poder que ela tem de contribuir para a aprendizagem, se faz cada vez mais necessária levando-se em conta que esse tipo de atividade está cada dia mais presente na vida escolar e na necessidade de se ter sua aplicação de forma correta e prazerosa.

A música no cotidiano escolar pode não somente ajudar as crianças no aprendizado, mas também nos casos de crianças que tenham problemas de relacionamento ou inibição; para isso é preciso aliar música e movimento, como exemplo, atividades de dança que podem contribuir para a adaptação dessas crianças em seu meio escolar.

A música quando trabalhada desde cedo no contexto escolar das crianças ajuda de maneira lúdica e prazerosa o aprendizado e o trabalho em equipe, pois as crianças aprendem a ser mais sociáveis. Nesse sentido faz-se necessária a sensibilização dos educadores para despertar a conscientização quanto as possibilidades de a música favorecer o bem-estar e o crescimento do saber dos alunos, pois ela fala diretamente ao corpo, a mente e às emoções.

A inserção do lúdico na educação infantil vai além de estabelecer e implantar currículos ou aplica-los para as crianças sem nenhum recurso que chame sua atenção, isso implica numa renovação da formação continuada do professor e na sua sede por mudanças e práticas educacionais que facilitem a absorção e acomodação da aprendizagem.

De acordo com (BRÉSCIA, 2003, P.81):

“(...) O aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”.

As crianças sabem que se dança música, isto é, que a dança está associada à música, e geralmente sentem grande prazer em dançar. Se os professores levarem isso em conta e considerassem como ponto de partida o repertório atual de sua classe e puderem expandir este repertório comum com o repertório de seu grupo cultural e de outros grupos, criando situações em que as crianças possam dançar, certamente estarão contribuindo significativamente para a formação das crianças (ESTEVÃO, 2002, p. 33 apud ONGARO et al., 2006). Depois de perceber essas diversas contribuições que a música traz para enriquecer o aprendizado das crianças, fica muito mais fácil fazer uso desse recurso nas práticas do cotidiano escolar.

Na educação infantil a criança beneficia-se do ensino da linguagem musical quando as atividades propostas contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora, da imitação, de sons e gestos, da atenção e percepção, da memorização, do raciocínio, da inteligência, da linguagem e da expressão corporal. Essas funções psiconeurológicas envolvem aspectos psicológicos e cognitivos, que constituem as diversas maneiras de adquirir conhecimentos, ou seja, são as operações mentais que usamos para aprender, para raciocinar. Rosa (1990) afirma que a simples atividade de cantar uma música proporciona a criança o treinamento de uma série de aptidões importantes.

Capítulo 3: A Formação Musical do Pedagogo

Neste capítulo discorrerei sobre as pesquisas de Nogueira (2012) e Bellochio, Weber e Souza (2017), que trazem a discussão das lacunas existentes na formação inicial dos pedagogos. Entendendo que o pedagogo é um professor unidocente como é apontado por Bellochio, Weber e Souza (2017), é importante que o professor tenha conhecimentos básicos em várias áreas do conhecimento, dentre essas áreas a linguagem musical, para trabalhar com a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

3.1 O que dizem as pesquisas?

Em pesquisa realizada no contexto do Rio de Janeiro, Nogueira (2010), traz uma análise acerca do espaço da música na formação de professores generalistas (ou unidocentes), a partir de levantamento das grades curriculares de cursos de Pedagogia de quatro universidades públicas do Rio de Janeiro. Vivia-se o contexto da promulgação da lei 11769/2008, que dispunha sobre a obrigatoriedade do ensino de música, conforme já explicitado no capítulo anterior.

Além de um levantamento de dados da grade curricular dessas instituições. a saber, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com foco em disciplinas de músicas ou ligadas a ela foram feitas também entrevistas com estudantes das também referidas instituições.

A partir da pesquisa concluiu-se que os licenciados em música não são suficientes para dar conta da demanda de escolas da rede pública municipal do Rio de Janeiro, considerada a maior da América Latina, por exemplo; além disso, é pequeno o número de licenciados que se formam e têm o interesse de atuar na escola, pois a grande maioria dos licenciados optam pelo campo de trabalho ligado especificamente à sua linguagem, como escolas de música e conservatórios. Por isso a necessidade de uma formação mais completa para os licenciandos em Pedagogia, entendendo que esses profissionais poderiam atuar com mais eficácia no desenvolvimento do seu trabalho com música na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

Durante as observações dos currículos em questão (NOGUEIRA, 2010), foi verificado que a didática da Arte, mesmo sendo um conteúdo obrigatório, não se encontra localizada com igualdade no campo das metodologias. Ela ocupa um lugar periférico, ou seja, muitas vezes não existe no currículo e quando existe aparece é com carga horária menor do que outras disciplinas. Verificou-se também que dentro das ementas das disciplinas ligadas ao ensino de Arte, as artes visuais têm uma

relevância maior do que outras linguagens como a música, o teatro e a dança, assim como ocorre em geral na escola básica.

Como exemplo, no currículo de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a disciplina Arte-Educação, de 45 horas, é oferecida no quinto período: mesmo sendo uma das disciplinas obrigatórias do currículo, tem uma carga horária menor do que uma disciplina do campo das metodologias, o que evidencia que esta disciplina está mais para o campo periférico. Recentemente, foi criada a disciplina Linguagem Musical na Educação Básica de 60 horas, mas é uma disciplina optativa e, portanto, não atinge todos os estudantes.

Na grade curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense (UFF) existe a disciplina Arte-Educação, de 60 horas. Sua ementa, assim como a anterior analisada, está centrada nos aspectos teóricos do campo da estética, comum a todas as linguagens artísticas. Embora a música apareça nomeada, verifica-se a hegemonia das artes visuais na ementa.

No curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), embora exista um reconhecimento de uma explicitação de conteúdos mais engajados em uma perspectiva contemporânea, na pesquisa não fica evidenciada a presença da música no currículo, uma vez que a ementa da disciplina Educação Estética aponta conteúdos específicos dessa linguagem.

Já o curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) surge um diferencial, pois na disciplina Arte-Educação, oferecida nesta universidade ficam evidenciada em sua ementa, conteúdos específicos da música e das artes cênicas. Talvez isso deva ao fato de que nesta universidade existam cursos de graduação e pós-graduação em Música e Artes Cênicas.

O quadro apresentado na pesquisa relacionava-se com a realidade do ano de 2010; no entanto, em levantamento feito junto aos sites das referidas instituições, verifiquei que não houve alteração substantiva nos currículos analisados.

Em outro artigo, Nogueira reitera:

(...) diante do quadro apresentado é fácil perceber que o pedagogo, se levarmos em conta apenas o âmbito de sua formação inicial, tem poucas condições de se sentir seguro para a prática docente em música. Também assim sua trajetória, enquanto aluno da educação básica durante as décadas passadas, não deve lhe ter permitido muito contato com a linguagem musical, uma vez que esta gozava de pouco espaço, no âmbito da disciplina Educação Artística. Daí a opção pelos produtos massificados, já conhecidos pelos alunos, lhe parecer mais seguro (NOGUEIRA, 2012, p. 3).

Pensando nesse quadro que se encontra na realidade das escolas públicas do Rio de Janeiro o que sugere a pesquisadora prof. Monique Andries Nogueira (2012) após esta pesquisa é que:

(...) nesse sentido, percebe-se a necessidade de se traçar medidas que visem o equacionamento do problema: uma vez que a importância do ensino de música esteja reconhecida e garantida por lei, é fundamental que todos os atores envolvidos na formação docente – licenciados em música, pedagogos, pesquisadores de currículo – centrem seus esforços na busca de parceiros que viabilizem sua efetivação na escola básica, seja por meio da criação de novas disciplinas nos cursos de formações, seja por iniciativas de formação continuada (NOGUEIRA, 2012, p. 5).

Bellochio, Weber, e Souza (2017) também têm se dedicado ao tema da formação musical de professores unidocentes e trazem dados que nos revelam questões igualmente discutidas na pesquisa de Nogueira, (2012) sobre os desafios e dificuldades dessa formação.

A partir da pesquisa de Bellochio, Weber e Souza (2017) percebe-se um panorama de como se consolidou a contratação de professores em todo Brasil, e as problemáticas que ocorrem com a formação de professores unidocentes responsáveis pela educação infantil e séries iniciais.

A contratação de professores é orientada pela LDB, 9.394/96. Os professores contratados são “habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio”. Após um longo período de discussões entre pesquisadores brasileiros e posições expressas (ANFOPE), (ANPED), (CNE), aprovou e lançou, em 15 de maio de 2006, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Graduação em Pedagogia (DCNP), que o definem como lócus, no ensino superior, que formará o professor de educação infantil e anos iniciais, dentre outras orientações (BRASIL, 2006).

A docência nos primeiros anos de escolarização, que já caracterizava a orientação formativa de alguns cursos de Pedagogia no país, há no mínimo duas décadas, passa a ser parte importante do projeto pedagógico de formação superior de professores, sendo um de seus objetivos prioritários.

Dentro deste panorama é salientado na pesquisa de Bellochio, Weber e Souza (2017) a problematização das relações que tem sido construídas entre a educação musical e os professores não especialistas em música, sustentando a Pedagogia como curso formador de professores trazendo o campo da educação musical para dialogar.

Pensar a formação em Educação Musical de professores pedagogos é também problematizar a educação como um todo. Propor a formação em música de professores não especialistas é eleger a arte, e nesse caso em especial a música, como traço importante não só da formação dos próprios professores em formação, mas também daqueles que serão as pessoas que vão compartilhar das escolhas feitas por estes futuros professores, seus alunos. (PACHECO,2014, p. 85).

Neste interim, surge a preocupação de uma formação mais humana e estética. O artigo 26, no paragrafo 2º da LDB foi alterado e dispõe: “o ensino de artes constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural do aluno”(BRASIL,1996).

Ainda de acordo com essa pesquisa, após um movimento articulado entre músicos, educadores musicais, representantes políticos do país, foi sancionada pelo presidente da república a Lei nº 11.769/08, que modificou o artigo 26 da LDB, acrescentando-lhe o parágrafo 6º, através do qual: “a música deverá ser conteúdo obrigatório mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o parágrafo 2º” (BRASIL, 2008). Ou seja, “o ensino de artes”. Essa Lei sofreu modificações no ano 2016, pela Lei nº 13.278, de 2 de maio, a qual, mais uma vez, alterou a LDB, Lei nº 9.394/96. Atualmente, assim está descrito na LDB: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o parágrafo 2º deste artigo” (BRASIL, 2016a). O prazo legal aos sistemas de ensino é o de cinco anos, a partir da publicação da Lei, para que sejam realizadas as alterações necessárias.

Falando um pouco mais sobre a formação dos professores de que trata a pesquisa, o professor de referência é um profissional cuja prática constitui-se de modo unidocente. Ele organiza seu trabalho pedagógico a partir das várias áreas do conhecimento, tendo como orientação, segundo exposto nas DCNP: “ensinar língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia, artes, educação física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano” (BRASIL, 2006, p.11).

Nesta pesquisa foi elucidado sobre a importância da educação musical na escola de educação básica, entendendo que o professor unidocente poderia propiciar uma contribuição significativa para a educação musical nos primeiros anos de escolarização. Entretanto, para que esse profissional tenha maiores possibilidades de inserir conhecimentos musicais em sua prática pedagógica é necessário que ele tenha vivenciado experiências musicais e pedagógico-musicais em sua formação. Essa necessidade formativa também é destacada por BELLOCHIO (2014 a, p.58), quando indica que “[...] por ser um espaço/tempo de

formação acadêmico-profissional de professores é que enfatiza a importância/necessidade de disciplina(s) de educação musical em matrizes curriculares da pedagogia”.

Ainda de acordo com Bellochio (2014), a formação musical do professor de referência, muitas vezes, traz mazelas decorrentes de sua formação anterior ao curso de Pedagogia. Como vimos, o professor unidocente é responsável por orientar e mediar os aprendizados iniciais dos alunos nos vários campos do conhecimento (BRASIL, 2006) e, ao longo de sua escolarização, constitui conhecimentos sobre estas diferentes áreas por que fez disciplinas que compuseram o seu currículo. Todavia, com relação às artes, e à música, em especial, provavelmente, não se fizeram presentes na formação escolar da maioria desses professores.

Outras pesquisas também apontam sobre a pouca formação musical nos cursos de Pedagogia, dentre elas a pesquisa de Correa (2008).

A ausência de disciplinas específicas no campo das artes, especialmente em relação a música, nos cursos de pedagogia, e a consequente falta de recursos e espaços destinados ao trabalho específico com a música, tende a ser fator excludente da introdução de um trabalho com a música na escola mais elaborado (CORREA, 2008, p. 97).

Nesse sentido, as pesquisas citadas (NOGUEIRA, 2012), (CORREA, 2008), (BELLOCHIO, WEBER, SOUZA, 2017), concordam que o currículo da Pedagogia, responsável pela formação docente do profissional para atuar na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental em todo Brasil, precisa ser reformulado no sentido de atender todas essas demandas, agora com a exigência legal.

3.2 Minha Trajetória como estudante de Pedagogia

Ingressei no curso de Pedagogia no ano de 2010, na universidade Estácio de Sá, onde cursei algumas disciplinas de fundamentos da educação, e metodologias de ensino, dentre outras cursei a disciplina Arte e Educação também nessa universidade. Durante as aulas que se constituíram basicamente do ensino de técnicas de desenho e pinturas, o professor sempre trazia músicas para a gente ouvir enquanto desenhávamos e pintávamos. As aulas eram sempre relaxantes e nos proporcionavam momentos de muito prazer e concentração nas atividades propostas pelo professor, mas somente essa experiência é insuficiente, para um curso de formação de professores, pois se os professores generalistas, responsáveis pela ampliação das várias áreas do conhecimento, só vivenciando

esse tipo de prática, como terão subsídios para potencializar as vivências e experiências das crianças? Se em sua formação não as teve?

Em 2014 entrei para Universidade Federal do Rio de Janeiro, através de uma prova de transferência externa, objetivando um diploma com maior reconhecimento no mercado de trabalho. Comecei cursando as disciplinas obrigatórias que faltavam para conclusão do curso, depois me escrevi nas disciplinas de práticas de ensino, e quando comecei a ir á escola para cumprir as horas do estágio, percebi o interesse das crianças pelas músicas, que eram cantadas durante as rotinas diárias; e mesmo tendo como objetivo marcar rotinas, as crianças apreciavam muito esses momentos.

Daí o interesse de investigar, o porquê de as professoras não oferecerem um repertório musical mais significativo e diversificado para contribuir na formação cultural dessas crianças, que apreciavam com tanto prazer esses momentos com essa linguagem. Nesse momento, comecei a perceber que os professores não faziam uso desse recurso com as crianças, por terem pouca experiência com essa linguagem.

Com isso, percebi que a minha formação também está sendo insuficiente para atender a essas demandas que vem surgindo. Na minha trajetória de formação no curso de Pedagogia da UFRJ, cursei a disciplina optativa “Linguagem musical na educação básica”, onde tive a oportunidade, pela primeira vez, de contato mais direto com essa linguagem. Conhecemos e exploramos alguns instrumentos musicais, tivemos aulas teóricas e práticas, refletimos sobre as funções da música na escola.

Nas aulas práticas pudemos experimentar algumas propostas de atividades que poderemos futuramente em sala de aula, propor para as crianças fazendo uso dessa linguagem. Tivemos uma noção básica de como produzir músicas, conhecemos um pouco sobre os parâmetros do som, sobre as figuras que compõe a música, praticamos execução rítmica, dentre outros. Mas ainda assim não me sinto preparada para desenvolver atividades com as crianças com essa linguagem.

Depois cursei outra disciplina optativa chamada “Oficina de Artes”, ministrada por professores de Artes Visuais, Música e Dança. E como o próprio nome diz, tivemos oficinas dessas três disciplinas, as aulas foram bem interessantes para nossa prática, mas ainda insuficientes para uma formação mais sólida.

Apesar dessa insuficiência, no estágio obrigatório de práticas na educação infantil, tive a oportunidade de experimentar uma prática com a música. A aula que planejei para o grupo que estava acompanhando previa o uso de músicas com as crianças de até um ano. Elas adoraram a proposta, foi muito prazeroso perceber a interação delas com essa linguagem: elas dançaram, bateram palmas, pularam, tudo isso com muita alegria.

Como vimos na pesquisa de Nogueira (2012, p.4), e nas outras pesquisas também citada nesse trabalho, nos cursos de Pedagogia das universidades públicas e federais do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros, nem todas contemplam nas matrizes curriculares conteúdos específicos da área de Música. Por isso para se pensar num ensino aprendizagem mais significativo com a linguagem musical é necessário pensar numa formação continuada para o pedagogo enfim se sentir mais seguro para trabalhar com essa linguagem.

Numa entrevista concedida á Revista Nova Escola em (Abril de 2011), Gainza responde a seguinte questão: Como formar bons professores para o ensino de música?

Para começar, eles têm de conhecer música e ter contato com essa arte. Somente se tiver vivência musical construída ao longo da vida, poderá aprender mais e assim adquirir um conhecimento mais profundo para ensinar as crianças. Há educadores que não fazem ideia de como funcionam o comportamento e o desenvolvimento sonoro dos alunos. Isso, definitivamente, não é algo que se consegue apenas lendo trabalhos acadêmicos ou um livro sobre neurociência. Eles têm de entender e praticar a Educação musical e os governos devem oferecer cursos e estímulos para quem quiser se aperfeiçoar.

Considerações Finais

Ao concluir as leituras das pesquisas que fundamentaram esse trabalho, foi possível identificar razões pelas quais, alunos dos cursos de Pedagogia não se sentem seguros para atuarem com a linguagem musical. As pesquisas revelam que nem mesmo as professoras já atuantes sentem essa segurança.

Isso se deve ao fato de que no decorrer da formação inicial não foram oferecidas disciplinas obrigatórias suficientes para que os alunos tivessem experiências mais aprofundadas com a linguagem musical, causando assim essa insegurança para oportunizar as crianças vivências com a música.

Na pesquisa de Nogueira (2012) verificou-se que os licenciandos em Música não dariam conta da demanda para a docência na educação básica, nem mesmo a de escolas da rede pública municipal do Rio de Janeiro. Além disso, nem todos os licenciandos entrevistados pretendiam atuar na área da educação escolar, por isso a necessidade de inclusão de conteúdos da linguagem musical nos currículos de Pedagogia, para formar professores aptos a atuarem também com a linguagem musical. Sem intenção de substituir os professores especialistas, mas, pelo menos tentar atender as demandas que somente os professores especialistas não dariam conta de atender.

Ainda nesta pesquisa Nogueira (2012) aponta que o professor generalista seja o mais indicado para atuar diretamente com a criança nessa fase inicial. Mas que obviamente há que se investir mais fortemente na formação artística, notadamente musical, desse profissional. E é nessa direção que os esforços precisariam acontecer.

Bellochio (2014a, p.58), indica que "...por ser um espaço/tempo de formação acadêmico-profissional de professores é que enfatiza a importância/necessidade de disciplina(s) de Educação Musical em matrizes curriculares da Pedagogia".

Por fim, acredito que seja necessária uma formação mais completa para que o professor da educação infantil e anos iniciais possam atender a todas essas diferentes áreas do conhecimento pelas quais é responsável. E além de lutar por uma reformulação do currículo da Pedagogia para que possa ofertar mais disciplinas obrigatórias voltada para a área das artes, é preciso que os professores busquem uma formação continuada para atender de forma mais expressiva todas as linguagens.

Referências:

BELLOCHIO, Caudia Ribeiro. Educação básica, professores unidocentes e música: pensamentos em tríade. In: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas (Org.). *Educação Musical e Pedagogia: pesquisas, escutas e ações*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014a. p. 47-68.

BELLOCHIO, Claudia Ribeiro; WEBER, Vanessa; SOUZA, Zelmielen Adornes de. Música e Unidocência: Pensando a formação e as práticas de professores de referência. *Revista FAEEBA- Ed. E Contemp.*, Salvador, v.26,n.48, p. 205-221,jan/abr. 2017.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CP nº 1*, de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 15 set. 2017.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 13.278*, de 02 de maio de 2016. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília, DF, 2016a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm>. Acesso em: 15 set. 2017.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.

BRITO, T. A. *Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CARVALHO, Aparecida Araujo; NASCIMENTO, Carmiram Maria do; VITAL, Marcia Regina. *Música e educação infantil: uma parceria que dá certo*. Publicado em: mar. 2014. Disponível em: <http://famesp.com.br/novosite/wp-content/uploads/2014/tcc/famesp_aparecida_araujo_de_carvalho.pdf>. Acesso em: 01 out. 2017.

CHAVES, Marta; LIMA, Elieuzza Aparecida; HAMMERER, Mariana Ferraz Simões. Música na Educação Infantil: indagações e possibilidades de intervenções pedagógicas. In: CHAVES, Marta; LIMA, Elieuzza Aparecida; HAMMERER, Mariana

Ferraz Simões. *A Função Social da Escola: das políticas públicas às práticas pedagógicas*. 1ª edição. Maringá: Eduem, 2011, vol. 1, p. 85-97.

CHIARELLI, Ligia Karina Maneghetti. A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. *Revista recre@arte*, nº 3, jun. 2005.

CORREA, Aruna Noal. “Programa LEM: tocar e cantar”: um estudo acerca de sua inserção no processo músico-formativo de unidocentes da Pedagogia/UFSM. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, 2008.

COOGAN, L. A. Secular variation in carbon uptake into the ocean crust. *Earth and Planetary Science Letters*, vol. 302, p. 385–392, 2011.

FERNANDES, José Nunes. Caracterização da didática musical. *Revista Debate*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 49-74, fev. 2010.

FERREIRA, Martins. *Como usar a música na sala de aula*. 7ª edição. São Paulo: Contexto, 2010.

FIGUEIREDO, Sergio Luiz Ferreira de. *Educação musical nos anos iniciais da escola: identidade e políticas educacionais*. Revista da ABEM, Porto Alegre, V 12, 21-29, mar.2005.

FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. *De tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 13ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicologia musical*. São Paulo: Summus, 1998.

GAINZA, Violeta Hemsy de. Prefácio. In: FONTEERRADA, Maria Trench de Oliveira. *De tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

GARDNER, H. *Mentes que criam: Uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandi*. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOLTARA, Bianca Monteiro Torres. *Obrigatoriedade do ensino de música nos anos iniciais da educação básica: O que os estudantes de pedagogia pensam sobre isso?* Rio de Janeiro, 2012. 47 f. Trabalho de conclusão de curso. (Monografia) – Curso de Pedagogia. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2012.

GONÇALVES, A. R.; SIQUEIRA, G. M.; SANCHES, T. *A importância da música na educação infantil com crianças de 5 anos*. Lins, 2009. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

ILARI, Beatriz Senoi. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, vol. 9, p. 7-16, set. 2003.

JORDÃO, Gisele; ALLUCCI, Renata R.; MOLINA, Sergio; TERAHATA, Adriana Miritello. *A Música Na Escola*. Brasil: Ministério da Cultura/ Vale, 2012.

KLEM, Elaine Lopes. *Música na educação infantil*. Monografia (Especialização). Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Curso de Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino. Medianeira: UTFPR, 2015.

MOREIRA, S. V.; et al. Neuromusicoterapia no Brasil: Aspectos terapêuticos na reabilitação neurológica. *Revista Brasileira de Musicoterapia* (São Paulo), ano XIV, n. 12, p. 18-26, 2014.

NOGUEIRA, M. A. . A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*, Goiânia, v. ano VI, n.volume 2, p. 22-25, 2004.

NOGUEIRA, M. A. . *Formação Cultural: questões teóricas*. Salto para o Futuro – Formação Cultural de professores, Rio de Janeiro, p. 8- 13, 17 jun. 2010a.

NOGUEIRA, M. A. A música nos currículos de Pedagogia: espaço em disputa. In: XIX Congresso Anual da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), 2010, Goiânia. Anais do XIX Congresso Anual da ABEM. Goiânia: UFG, 2010b.

NOGUEIRA, M. A. . Educação musical no contexto da indústria cultural: alguns fundamentos para a formação do pedagogo. *Educação (UFSM)*, v. 37, p. 615-626, 2012.

ONGARO, Carina de Faveri; SILVA, Cristiane de Souza e RICCI, Sandra Mara. *A importância da música na aprendizagem*. UNIMEO/CTESOP. 2006. Disponível em: <<http://www.alexandracaracol.com/ficheiros/music.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

PACHECO, Eduardo Guedes. Outras escutas e fazeres musicais na Pedagogia. In: BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro; GARBOSA, Luciane Wilke Freitas (Org.). *Educação Musical e Pedagogia: pesquisas, escutas e ações*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014. p. 69-88.

ROSA, Nereide Schilaro Santa. *Educação musical para a pré-escola*. São Paulo: Ática, 1990.

SNYDERS, G. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* São Paulo: Cortez, 1992.

SPANAVELLO, Caroline Silveira; BELLOCHIO, Claudia Ribeiro. Educação musical nos anos iniciais do ensino fundamental: analisando as práticas educativas de professores unidocentes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V 12, 89-98, mar. 2005.

TANAKA, Renata Akemi. *A música na educação infantil: uma possibilidade de aprendizagem com os textos de Vinicius de Moraes e Toquinho*. Projeto para Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curso de Pedagogia. Maringá: UEM, 2012.

VYGOSTSKY, Lev. *A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.